

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: FILM NOIR - NO CORAÇÃO DO NOIR
25 e 28 de junho de 2021

DRIVE A CROOKED ROAD / 1954

(O Louco do Volante)

um filme de Richard Quine

Realização: Richard Quine / **Argumento:** Blake Edwards, segundo uma história de James Benson Nablo, adaptada por Richard Quine / **Fotografia:** Charles Lawton Jr. / **Direção Artística:** Walter Holscher / **Montagem:** Jerome Thoms / **Música:** Ross DiMaggio / **Intérpretes:** Mockey Rooney (Eddie Shannon), Dianne Foster (Barbara Mathews), Kevin McCarthy (Steve Norris), Jack Kelly (Harold Baker), Harry Landers (Ralph), Jerry Paris (Phil), Paul Picerni (Carl), Dick Crockett (Don), Mort Mills (dono da garagem), Peggy Maley (Marge).

Produção: Jonie Taps, para a Columbia / **Cópia:** Digital, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português, 82 minutos / **Estreia Mundial:** Março de 1954 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, em 18 de Junho de 1956

Foi em 1954, depois de ter assinado **Pushover**, que Richard Quine se impôs em Hollywood como realizador, carreira que levava já desde 1948 e uma dúzia de filmes. Mas **Pushover** foi feito logo a seguir a outro filme com que tem bastantes semelhanças, podendo mesmo afirmar-se que formam uma espécie de díptico: **Drive a Crooked Road**.

O filme, tal como **Pushover**, é também a história de uma sedução. Um tímido mecânico, Eddie Shanon (Mickey Rooney), também condutor automobilístico que ambiciona ganhar um grande prémio, apaixona-se por uma mulher, Barbara (Dianne Foster) que o convence a ser o motorista de um gang na concretização de um assalto. O ponto de partida é semelhante ao de **Pushover**, mas a ordem está invertida. Ou melhor, o começo de **Pushover** sugere quase uma variante na forma de «sequela», começando este com o assalto que é a parte final de **Drive a Crooked Road**.

Como **Pushover** também **Drive a Crooked Road** se pode inscrever numa certa linhagem do cinema americano, a do filme «negro». Enquanto o primeiro se filia directamente em **Double Indemnity/Pagos a Dobrar**, de Billy Wilder, a «linha» de **Drive a Crooked Road** tem origem noutra momento chave do género: **The Killers/Assassinos**, de Robert Siodmak, ou **Criss Cross/Dupla Traição**, do mesmo realizador. O argumento do filme foi assinado por Blake Edwards, frequente colaborador de Richard Quine neste período. Bom conhecedor do género e dos seus clichés, como testemunham os thrillers que dirigirá mais tarde, Edwards transforma o pugilista de **The Killers** num mecânico automobilístico, e é curioso verificar que essa mudança será adoptada por Donald Siegel 10 anos mais tarde na nova versão do conto de Hemingway. O filme de Siegel, aliás, segue ainda de mais perto o de Quine

na forma como se desenvolve o progressivo envolvimento do mecânico no plano do gang e o próprio percurso do veículo numa zona acidentada, numa «corrida» relacionada com o assalto.

Se **Pushover** surpreenderia pela forma como a narrativa se estruturava e progredia dramaticamente, **Drive a Crooked Road** mostra que esse estilo já estava maduro e já justificava a opinião de Claude Chabrol sobre **Pushover** (há bem «uma inteligência atrás da câmara» e uma sensibilidade apurada). O filme desenvolve-se de forma bastante simples e clara, e coloca de imediato todos os elementos da intriga em presença do espectador. Não há surpresas a meio do percurso nem acidentes no caminho. Começamos com Shannon numa corrida e num breve espaço de tempo entramos em contacto com as restantes personagens: Barbara, Steve (Kevin McCarthy, o futuro intérprete do filme de «culto» **Invasion of the Body Snatchers/A Terra em Perigo**, de Donald Siegel) e o seu cúmplice. O jogo de sedução desenvolve-se sem pressas, com Barbara explorando os pontos fracos de Shannon, sem que este perceba a manipulação. Melhor é dizer que não quer perceber. A sua vida frustrada e solitária (como se percebe nas conversas de Shannon com os colegas da garagem) fecha-lhe os olhos para as possíveis evidências. Neste ponto a escolha de Mickey Rooney para interpretar a figura de Shannon revela-se perfeita. Rooney trabalhou mais duas vezes com Quine. Antes de **Drive a Crooked Road** fizera **Sounds Off/Às Ordens Meu Tenente** e voltaria ao ambiente militar três anos depois com **Operation Mad Ball/Nem Guerra Nem Paz**. Na retrospectiva dedicada a Rouben Mamoulian, vimos **Summer Holliday/Os Alegres Namorados**, que marcou um ponto de viragem na carreira de Mickey Rooney. Até esse filme, ainda com 27 anos, Rooney era o «eterno» adolescente, devido à sua estatura e ao rosto de traços juvenis. Foi no filme seguinte, **Killer McCoy/Punhos de Ouro**, de Roy Rowland (1947) que Rooney tem o seu primeiro papel «adulto». Mas até **Drive a Crooked Road** estes papéis eram geralmente de personagens em crise ou fase de «mutação». **Drive a Crooked Road** é, efectivamente, o primeiro filme do actor em que a imagem primitiva se esfumou definitivamente. Por outro lado, apenas este filme e **Baby Face Nelson/Sem Dó Nem Piedade**, de Don Siegel, souberem tirar partida, sem complexos, da estatura do actor (em **Baby Face Nelson**, Mickey, na pele do gangster daquele nome só poupa um dos reféns que levava no carro porque é... mais pequeno que ele!).

Para além de um excelente aproveitamento dos actores, Quine faz evoluir habilmente o drama romântico da primeira parte, para o suspense da segunda. O filme apresenta, assim, ainda «separadas», as duas particularidades maiores da sua obra: o romantismo e o suspense, que se unirão de forma perfeita em **Pushover**, sofrendo transformações no futuro mas sem nunca desaparecerem. A segunda parte de **Drive a Crooked Road** é um modelo na construção do suspense e no desenlace, desde que Shannon se apercebe do logro e se dirige à casa da praia de Steve a exigir contas. Na cena em que Harold (Jack Kelly) o leva no carro para o abater a expressão de Rooney apresenta a mesma indiferença desalentada de Burt Lancaster ao receber a visita dos assassinos. Mas Shannon tem ainda uma cartada a jogar. Toda a sequência final, no interior da mansão, no carro e, finalmente, no desenlace na praia, tem uma atmosfera do melhor filme «negro», graças, também, à fotografia de Charles Lawton Jr.

Manuel Cintra Ferreira